

Empoderamento feminino contra a prática da mutilação¹

Renata Maria Franco Ribeiro

Professora de História e Geografia

Escola Professor Júlio Holanda-Secretaria da Educação Municipal de Guaramiranga-CE.

Breve resumo sobre a trama Moolaadé (2004) dirigido pelo senegalês Ousame Sembène e algumas percepções.

A história de "Moolaadé" deve-se a astúcia de Ousmane Sembene, é considerado um gigante do cinema senegalês, a trama e situa-se em uma pequena aldeia do continente africano, país africano, oficialmente República do Senegal, país falante da língua oficial o francês, Senegal como outros países do continente africano e multilíngue, a língua mais falada é o wolof, entre outras fulani, serere, diola, suas línguas maternas, na sua maioria seguem a religião islâmica.

A trama se dá num ambiente aparentemente tranquilo numa aldeia onde é professada a religião islâmica. A aldeia longe de tudo se configura sem mostrar conflitos armados, catástrofes humanitárias, cenas de miséria. No entanto na mesma narrativa há o drama das jovens que fogem para escapar à remoção do clitóris, a prática da tradição da excisão genital feminina.

Neste contexto, Ousmane, traz a questão do direito de asilo tradicional, tensões entre tradição, religiosidade e modernidade. Algumas meninas fogem das *salindanas*, são mulheres anciãs da aldeia que fazem a prática da excisão feminina.

No período da cerimônia de purificação as meninas entre 7 a 15 anos são levadas pelas suas mães. Vale destacar que essa idade não é uma regra, há sociedade que o rito da cerimônia acontece bebê. As mulheres mais jovens e mais velhas da aldeia foram mutiladas nessa cerimônia chamada de purificação, é uma passagem para a fase de preparação para o casamento, a trama apresenta Collé Ardo, resistindo esse costume.

Collé, segunda esposa de um casamento poligâmico prática das sociedades islâmicas, segundo os anciãos permitida no Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos. Collé Ardo, negou a cerimônia a sua única filha, por isso é chamada *bilakoro*, isto é uma mulher

Filme: Moolaadé (2004) dirigido por Ousame Sembène.

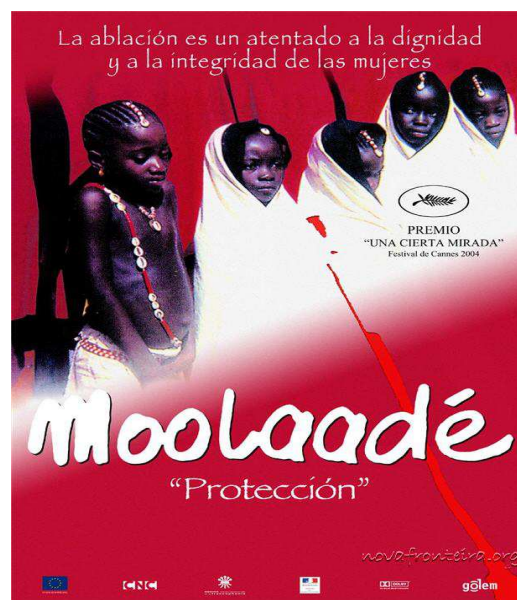


Figura:1 Imagem de divulgação

Fonte: Blog Coletivo de Maria

¹ O presente trabalho faz parte da produção acadêmica proposta pelo Prof. Dr. Maurílio Machado Júnior na disciplina de Leitura e Produção Textual II, do Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

que não passou pela purificação, a prática da mutilação, ela é mal vista, aos olhos da sociedade que tem como costume a mutilação é uma desonra um homem casar com uma mulher não mutilada, pois ela é considerada impura.

Devido à resistência de Collé, que se espalhou por toda a vila, a mulher é procurada por algumas crianças pedindo proteção, para a não cerimonia de purificação, Collé, enfrenta as mais velhas, o poder do marido, dos homens anciãos da aldeia, é chicoteada pelo marido na reunião dos mais velhos, ela resiste a tradição, invocando o *moolaadè*, (uma invocação de proteção, reza forte), essa proteção sagrada na qual não pode ser desfeita, a não ser pela própria que proferiu.

Nesse contexto o filme *Moolaadè*, traz algumas inquietações quanto o relativismo cultural, sobretudo na defesa das sociedades na manutenção dessas práticas, valores e tradições milenares, sobretudo quanto ao poder e mentalidade que fere as mulheres e aos seus corpos e sua autonomia.

Nesse cenário vem à tona o desejo masculino e o uso do poder de autoridade sobre suas mulheres, que segundo a mentalidade dos homens e tradição. Nas crenças dessas sociedades os homens têm direito de puni-las, logo uma estratégia pensada foi de proibi-las ao uso dos seus rádios, os homens mais velhos da aldeia decidiram em reunião a proibição de uma das ferramentas de comunicação e conexão com o mundo para além da comunicação da aldeia, essa atitude na visão dos homens da aldeia estava tornando as mulheres desobedientes.

O que se mostra é o empoderamento de Collé em resistir e romper com a tradição da mutilação. Collé foi vítima desse ato perverso, que pune o corpo da mulher e deixa sequelas por toda vida, ela perdeu suas duas primeiras crianças no parto. A terceira criança que Collé teve, foi preciso o parto cirúrgico ou cesariana (também denominada cesárea) é uma técnica cirúrgica utilizada para retirar um feto de dentro do útero, este procedimento acontece quando a criança ou a vida da mulher está em risco ou quando a decisão é tomada pela mãe.

Reflexões

A reflexão desse trabalho traz o enredo do filme *Mooladédo* Osumane Sembène, o drama se passa numa aldeia do continente africano, a mutilação genital feminina legalmente refere-se à violação dos direitos humanos das mulheres e crianças que ocorre praticamente em todo mundo e em parte significativa no continente africano, asiático, e algumas sociedades indígenas da América do Sul. Essa violação de gênero leva a morte muitas crianças no ato da mutilação e parto dessas mulheres mutiladas. Essa prática faz parte das violações ao direito das mulheres, sobretudo quanto os malefícios físicos e psicológicos que acompanham por toda a vida.

Segundo a “Organização Mundial da Saúde – WHO, sigla em inglês (1997) define a mutilação genital feminina (MGF) com todo e qualquer procedimento que acabe por ferir a genitália das mulheres”. Este é um tema bastante inquietante, discute alguns conflitos e resistência quanto a interpretação de ser uma cerimônia sagrada, que faz parte da cultura



Figura 02: Instrumento cortante. Fonte: Pesquisa direta
<https://ionline.sapo.pt/561513>

e tradição da religião dos muçulmanos. Por um lado, tem-se que esta prática fere os direitos das mulheres por ser uma violência direta sobre seus corpos, levando-as até mesmo a morte e esterilidade.

Neste caso é preciso repensar alguns costumes que em nome de Alá, nas sociedades islamizadas e nas sociedades que praticam a mutilação, silenciam e submetem as mulheres condições inumanas como o ato da mutilação, sem nenhum cuidado médico e sobretudo sem nenhum consentimento das mulheres. As mulheres mais velhas da família de uma jovem que passará pela prática de mutilação, cedem devido as pressões psicológicas, no meio social e familiar, por outro lado é preciso mais diálogo, as consequências são irreversíveis postas aos corpos dessas mulheres.

Uma prática cultural que agride, deprecia o outro, neste caso a mulher como o casamento precoce, a mutilação feminina precisa ser discutida por todos nós e por todas as esferas de poder, essas práticas refletem as sociedades que estamos inseridas, sociedades patriarcais, machistas, sexistas, subalternizam as mulheres, práticas tradicionais em nome da religião, oportuniza os homens usar de um falso poder e autoridade sobre as mulheres suas esposas, irmãs e filhas, que lhes confere segundo alguns costumes culturais puni-las tirando seu direito de liberdade, e direito sobre o próprio corpo.

No contexto do filme destacamos que o poder tradicional das mulheres o *moolaadé* (proteção sagrada) proferida por Collé, foi uma estratégia de resistência feminina, mesmo dividindo opiniões na aldeia entre os anciões e as mulheres jovens e mais velhas, o enfrentamento a prática da excisão feminina passou a ser um desejo de todas após a morte de duas das jovens que se jogaram no poço na tentativa de livra-se da cerimônia dita como sagrada e, da jovem que morreu nos braços da mãe sangrando após a prática da excisão.

Segundo Martingo, a Organização Mundial da Saúde (OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo das Nações Unidas de Apoio à População (UNFPA) adaptaram a expressão Mutilação Genital Feminina, MGF (1997), “dada a abrangência dos seus procedimentos que envolvem a remoção, total ou parcial, dos órgãos genitais das mulheres, bem como qualquer dano provocado nesses mesmos órgãos genitais, motivados por razões culturais ou outras não terapêuticas”².

Estes procedimentos vão desde a clitoridectomia (remoção parcial ou total do clitóris) à infibulação (excisão de parte ou da totalidade dos órgãos genitais com o estreitar da abertura da vagina), essa tradição deixa sem dúvidas marcas profundas no corpo e no psicológico dessas mulheres, para atender uma prática ancestral e superego masculino como ter a mulher um troféu, inibindo qualquer ato de liberdade sobre seu corpo.

Na trama do *Moolaadé*, foi percebido a resistência das mulheres contra esse costume da excisão, reflete a realidade de certa forma das mulheres que são obrigadas a ceder essa expectativa da mutilação nos seus corpos e de suas filhas para satisfazer expectativas religiosas e familiares.

De acordo com os dados divulgados pelo Novo relatório estatístico sobre mutilação genital feminina revela que a prática nefasta é uma preocupação à escala global – UNICEF, as raparigas até aos 14 anos representam 44 milhões das que foram excisadas, registando-se a maior prevalência da Mutilação Genital Feminina (MGF), nessa faixa etária na Gâmbia com 56 por cento, Maurítânia com 54 por cento e Indonésia onde cerca de metade de todas jovens até aos 11 anos foram submetidas à prática. Os países com a

maior prevalência nas jovens e mulheres com idades entre os 15 e os 49 anos são a Somália com 98 por cento, a Guiné com 97 por cento e Djibouti com 93 por cento.

Segundo Olegário “traz como visão básica a defesa da autonomia dessas mulheres, entre outras reivindicações, ou seja, essas devem ser capazes de escolher livremente sobre seus corpos, assim como sobre os de suas filhas”², sabido que esses costumes prevalecem não só nas etnias islamizadas, mas na maioria dos países africanos e fora deles. Pensar na escolha livre, sem pressões psicológicas, familiares, para atender as crenças e valores da comunidade, esse dialogo precisa ser construído. No entanto, esta prática é uma estratégia de controle da sexualidade das mulheres. Há países com maior severidade na mutilação, é o caso do Sudão, não há como dimensionar o grau de perversidade. No Sudão a prática se dá como infibuladas, isto é, as mulheres têm suas genitálias costuradas, como honra a família e ao futuro marido, impedida de qualquer desejo sexual e relações sexuais antes do casamento arranjado por sua família.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Manuela Ivone. Género, cultura e justiça: A propósito dos cortes genitais femininos. **Análise Social**, Lisboa, n. 209, p. 834-856, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732013000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: nov. 2017.

OLEGÁRIO, Letícia Zimmer & CORBELLINI, Mariana Dalalana. A mutilação genital feminina no continente africano sob a perspectiva feminista. **Revista Ártemis**, v. XXIII n. 1; jan-jun, 2017. p. 138-148.

MARTINGO, Carla. **O corte dos genitais femininos em Portugal**: o caso das guineenses: estudo exploratório. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta. Ano: 2007. Disponível em: <http://iaia.umarfeminismos.org/images/bibliografia/docs/Corte_dos_Genitais_Femininos__Carla_Martingo.pdf>.

GUBERNATIS, Helena de. **Novo relatório estatístico sobre mutilação genital feminina revela que a prática nefasta é uma preocupação à escala global – UNICEF.**

Disponível em:

<https://www.unicef.pt/18/site_pr_unicefmgf_e_uma_preocupacao_a_escala_global_2016-2-4.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

²OLEGÁRIO, Letícia Zimmer & CORBELLINI, Mariana Dalalana. A mutilação genital feminina no continente africano sob a perspectiva feminista. Ano. 2017. p. 139.